



**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA**  
**LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA E RESPECTIVA LITERATURA**

**O ROMANCE HISTÓRICO DE DANIEL DEFOE: UM ESTUDO DO ROMANCE**  
**“DIÁRIO DO ANO DA PESTE”**

**AUTOR: IGOR RIBEIRO NEPOMUCENO**  
**ORIENTADORA: MICHELLE ANDRESSA ALVARENGA DE SOUSA**

**Brasília**  
**2023**

IGOR RIBEIRO NEPOMUCENO

**O ROMANCE HISTÓRICO DE DANIEL DEFOE: UM ESTUDO DO ROMANCE  
“DIÁRIO DO ANO DA PESTE”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade de Brasília, como requisito  
parcial para a obtenção do título de graduado  
em Língua Inglesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Michelle Andressa Alvarenga de  
Sousa

**Brasília**

**2023**

IGOR RIBEIRO NEPOMUCENO

**O ROMANCE HISTÓRICO DE DANIEL DEFOE: UM ESTUDO DO ROMANCE  
“DIÁRIO DO ANO DA PESTE”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade de Brasília, como requisito  
parcial para a obtenção do título de graduado  
em Língua Inglesa e Respectiva Literatura.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Prof(a). Titulação Nome do Professor(a)

Brasília, 15 fevereiro de 2023

Dedico este trabalho a todos aqueles que sofreram em decorrência da desinformação quanto a como se portar durante a proliferação de doenças ao decorrer da História.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares, pois além de sempre demonstrarem apoio, não mediram esforços para garantir a minha permanência na universidade.

A todos os meus amigos, que além de sempre oferecerem suporte, trouxeram leveza e bom humor para os momentos mais difíceis da graduação.

A todos os professores que compartilharam seus conhecimentos durante essa jornada de estudos. Expresso minha gratidão especialmente à professora e orientadora Michelle Alvarenga, pois desempenhou seu papel com muita atenção, competência e dedicação.

À Universidade de Brasília e todos aqueles que trabalham para garantir o pleno funcionamento da instituição.

“No ano meia cinco  
Em Londres um mal nocivo  
Levou-nos cem mil almas  
Mas estou vivo!”

Daniel Defoe

## RESUMO

O seguinte trabalho apresenta um estudo de *O Diário do Ano da Peste*, um livro de Daniel Defoe que retrata a Grande Praga de Londres. A obra foi publicada originalmente como uma espécie de relato histórico, assim, é proposta uma análise a fim de constatar a historicidade contida no livro. Para isso, é apresentado um resumo dos principais acontecimentos da epidemia a fim de servir de comparação com o enredo de Defoe. Por meio de evidências encontradas na obra, vemos que o autor atingiu seu principal objetivo, que era produzir um livro capaz de alertar os cidadãos dos perigos de uma epidemia. Mas uma vez que ficção e fatos reais estão intrinsecamente ligados à obra, a perspectiva final atribuída é a de um romance histórico. Ademais, são evidenciadas diversas características da escrita de Defoe que fazem dele um dos primeiros romancistas ingleses.

**Palavras-chave:** Daniel Defoe. Grande Peste de Londres. Romance histórico.

## ABSTRACT

The following writing presents a study of *A Journal of the Plague Year*, a book by Daniel Defoe that portrays the Great Plague of London. The work was originally published as a kind of historical account, so an analysis is proposed in order to verify the historicity contained in the book. In this sense, a summary of the main events of the epidemic is presented in order to serve as a comparison with Defoe's plot. Through evidence found in the work, It is seen that the author achieved his main objective, which was to produce a book capable of alerting citizens to the danger of an epidemic. But, since fiction and real facts are intrinsically linked in the work, the final perspective assigned is that of a historical novel. Furthermore, several features of Defoe's writing are highlighted in order to present him as one of the first English novelists.

**Key-words:** Daniel Defoe. Great Plague of London . Historical Novel.



## Sumário

1 - INTRODUÇÃO	10
2 – A GRANDE PESTE DE LONDRES	12
2.1 – A classe trabalhadora	12
2.2 O início	13
2.3 - A identificação da doença	15
2.4 - O caos	16
2.5 - Medidas de combate ao contágio	18
2.6 - O auge	19
2.7 - A esperança	20
3 - DANIEL DEFOE E OS PRIMEIROS PASSOS DO ROMANCE	23
3.1 - Contexto social	23
3.2 - As rupturas na literatura	24
3.3 - O papel de Defoe no surgimento do romance	26
3.4 - O romance histórico	29
4 – DIÁRIO DO ANO DA PESTE	33
4.1 - Recepção da obra	33
4.2 - Historicidade contida na obra	36
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
Referências:	44

## 1 - INTRODUÇÃO

Com a recente pandemia de Covid-19, algumas obras que retratam surtos de doenças ganharam um enorme destaque. Dentre elas, *O Diário do Ano da Peste*, de Daniel Defoe, é certamente uma das mais relevantes. Através de sua sensível escrita, o autor retrata o período de 1665, no qual Londres foi atingida pela epidemia de peste bubônica.

Naquele ano, a cidade viveu um dos períodos mais conturbados de sua história. Doentes trancados em casa, preconceitos à flor da pele, decretos severos e milhares de mortes por semana eram apenas alguns dos acontecimentos que os moradores tiveram que presenciar.

É de consenso geral entre os leitores que a obra de Defoe é capaz de trazer à vida todo o desespero e o sofrimento vivido na época. Entretanto, como seria capaz de trazer tantas questões verídicas para sua obra se o autor não viveu plenamente a epidemia pois era apenas uma pequena criança?

De certa maneira, este trabalho busca entender um pouco o processo criativo de Defoe, suas experiências vividas e o contexto de publicação de suas obras. Além do mais, será discutida a questão da escrita do autor, que é responsável por algumas rupturas de normas comuns na literatura da época.

Assim como suas influências históricas, se mostra necessária a apresentação de suas inspirações literárias. Logo após, serão pontuadas algumas características vitais das obras mais importantes de sua carreira como escritor. Ademais, o autor será creditado da maneira que merece quanto a seu papel no surgimento do romance, um dos gêneros literários que ajudou a construir e a popularizar.

Certamente, uma imprescindível questão teórica para este trabalho é o conceito do romance histórico. Será apresentada a definição, seus objetivos e suas particularidades de acordo com autores como Carlos Indurain, György Lukács, Harry Shaw, Ian Watt e Mário Maestri. Infelizmente, a sistematização quanto ao conceito só veio se consolidar um tempo considerável depois da escrita das obras de Defoe, mas ainda sim é de imensa pertinência para a discussão adiante.

Como elemento em destaque deste trabalho, uma análise mais profunda de *O Diário do Ano da Peste* será postulada. Para isso, será evidenciado um pouco do

enredo da obra, trazendo seus principais desdobramentos e questões trabalhadas por Defoe em sua narrativa. Tudo isso com o objetivo de criar uma imagem mais tangível da obra.

Conforme segue o trabalho, serão expostas opiniões que dão uma certa luz quanto à recepção que a obra teve durante os seguintes séculos de seu lançamento. Assim, é explorada a questão da falta de consenso quanto à classificação de seu gênero literário, pois algumas pessoas enxergavam a obra como um trabalho historiográfico, outras como ficção e uma parcela interessante como uma versão híbrida entre as duas.

É de suma importância destacar que, em sua época de lançamento, a obra foi publicada com um destaque para sua historicidade. Não é por menos que o próprio autor deixa claro que um de seus objetivos é que seu livro sirva como um guia para aqueles que precisarem enfrentar uma epidemia.

E é por meio dessa ótica que será feita a análise de *O Diário do Ano da Peste*. Serão transformadas em evidências questões do enredo, trechos diretos da obra, citações do narrador e características da escrita de Defoe. Todas essas particularidades serão levadas em consideração para definir se os fatos históricos presentes na obra são capazes de transmitir informações válidas para seus leitores.

A fim de apresentar os verdadeiros acontecimentos durante o contágio da peste, o primeiro capítulo será responsável por contextualizar historicamente o ano de 1665 em Londres. Dando continuidade, o segundo capítulo irá tratar as peculiaridades da escrita de Defoe e o arcabouço teórico do romance histórico. Por último, o terceiro capítulo será uma análise da obra, levando em consideração principalmente sua historicidade.

## 2 – A GRANDE PESTE DE LONDRES

Em *The Great Plague: The Story of London's Most Deadly Year*, um dos mais recentes trabalhos que retratam a epidemia de 1665, A. Lloyd Moote e Dorothy C. Moote apresentam a catástrofe de uma perspectiva política, cultural e, acima de tudo, histórica. A obra é rica em acontecimentos essenciais para compreender o terror que assolou tantas pessoas em Londres.

Para começar, devemos apresentar alguns fatos. A doença foi causada por uma bactéria chamada *Yersinia pestis*. Tal microorganismo contaminava os seres humanos majoritariamente por meio da picada de pulgas contaminadas, que se espalhavam pela cidade através dos ratos. E foi sem essa consciência geral que os habitantes de Londres tiveram que lidar com a peste, como ficará claro na leitura das próximas páginas.

### 2.1 – A classe trabalhadora

Ligeiramente antes do período da peste, o contraste entre as classes sociais de Londres era imenso. A própria obra decide destacar tal detalhe quando especifica que a história pode ser separada em duas: a primeira se refere aos ricos e mercadores, cujas histórias ganharam visibilidade; e a segunda, que se refere à dos pobres trabalhadores que moravam em becos e porões que não tiveram suas histórias contadas pois não sabiam ler nem escrever.

De modo a dar um rosto para a essa classe trabalhadora, segue uma imagem que ilustra muito bem a aparência de diversos membros:



### Imagem 1

Representação de alguns dos habitantes pobres da classe trabalhadora. Estão presentes um limpador de chaminés, uma vendedora de frutas, uma vendedora de esfregões e um vendedor de ostras. (Moote, A. e Moote, C., 2004, p.40)

Como mostram Moote, A. e Moote, C (2004), a quantidade de lareiras em uma moradia era o que definia o status financeiro do dono ou de quem alugava. Por meio desse cálculo, a população considerada pobre se concentrava no norte e no leste com uma média de 50% dos habitantes, enquanto era surpreendentemente escassa no centro da cidade, com apenas 1,5%.

Neste ponto, podemos estabelecer uma crítica pertinente: tal meio de definir a população pelo status financeiro parece mais uma presunção ao invés de uma real coleta de dados. A contagem de lareiras de uma casa não deveria ser o critério para as definições. Além do mais, famílias que moravam em porões, barracas e em pequenas habitações eram desconsideradas. Assim, é estimado que um terço das famílias de Londres não foram contabilizadas nessa estimativa.

## 2.2 O início

As primeiras infecções ocorreram no final do ano de 1664, seguindo até abril de 1665 com um número extremamente baixo de ocorrências. Entretanto, foi o suficiente para que os cidadãos começassem a demonstrar preocupação. Nesse pequeno período, as casas dos infectados já foram interditadas e alguns rumores começaram a circular. Dentre eles, o mais conhecido foi o de que o modo de vida dos pobres e suas moradias extremamente lotadas foram responsáveis por criar a peste, assim, a doença passou a ser chamada por alguns de “a peste dos pobres”. (Moote, A. e Moote, C., 2004, p.47, tradução nossa).<sup>1</sup>

Naquela época, grande parte dos londrinos não enxergava problemas em alguns hábitos que representavam um grande risco para a saúde, como atravessar riachos contaminados por matadouros e depositar pilhas de lixo nas ruas, por exemplo. Inclusive, é importante pontuar aqui que os mais privilegiados tinham acesso a um sistema que levava água em boas condições até suas moradias.

---

<sup>1</sup> No original: “the poores plague.” (Moote, A. e Moote, C., 2004, p.47)

Contudo, os subúrbios mais carentes chegavam a obter água em canais comunitários, e infelizmente a água suja desaguava em córregos tornando-os poluídos. A situação era tão crítica que algumas pessoas classificaram tais córregos como esgoto a céu aberto.

Devido grande parte às questões de higiene precária em Londres, a peste começou a avançar rapidamente. Conseqüentemente, o governo estabeleceu algumas medidas para combater o contágio. De acordo com Moote, A. e Moote, C. (2004), as casas que levantavam suspeitas de infecção deveriam ser inspecionadas, e se confirmadas, deveriam ser trancadas com todos os habitantes dentro, doentes ou não, e uma cruz vermelha deveria ser desenhada na porta. Assim, era estabelecida uma quarentena de quarenta dias e um vigilante era responsável por garantir que todos ficassem dentro da residência. Uma enfermeira era responsável por cuidar da família e prover suas necessidades médicas e alimentícias (ver imagem abaixo).



**Imagem 2**

Representação de duas casas infectadas à esquerda. Em suas portas estão desenhadas cruzes na cor vermelha e os vigilantes estão garantindo o isolamento. (Imagem cedida pelo Museu de Londres)

Olhando da perspectiva atual, vemos que essa última medida se destaca certamente como um dos erros mais notáveis na gestão da epidemia. Em decorrência da infecção de um membro, todo o resto da família que estava saudável era isolada na mesma casa. E uma vez que a doença podia ser transmitida diretamente de pessoa para pessoa, o contágio colocava em risco todos aqueles isolados no mesmo lugar.

Outra medida foi a ordem de que todos os lojistas e donos de casa deveriam ser responsáveis por varrer e lavar suas calçadas e ruas. Conseqüentemente, os cidadãos que não obedeciam eram ameaçados a enfrentar processos legais. Assim, o governo deixou claro que as responsabilidades da limpeza e da saúde deveriam vir do próprio povo. E por mais que seja claro que todos os cidadãos tenham deveres, tal ação soa também como relutância do governo em assumir a própria responsabilidade quanto a limpeza da cidade, ainda mais que uma parte considerável da cidade não possui saneamento básico.

### 2.3 - A identificação da doença

Conforme a doença avançava, os médicos foram descobrindo novas características da peste. Alguns afirmaram que a doença poderia atingir a qualquer um, independente do sexo, idade ou condição social. De acordo com Moote, A. e Moote, C (2004), Boghurst, um farmacêutico suburbano, citou alguns sintomas da infecção: febre alta, dores de cabeça, tontura, bubões e bolhas pelo corpo. E quando o paciente estava em estado terminal, ocorriam cólicas nos intestinos, desmaios, falta de ar e uma forte dor.

Outro aspecto importante da peste eram os chamados “tokens”, que eram pequenas manchas duras e vermelhas que surgiam com o aspecto de picadas de pulga. Para os médicos, esse era o sintoma considerado como um indicador de morte quase certa. Uma parcela de Puritanos, Anglicanos, Católicos e *Quakers* acreditavam fortemente que a peste veio como uma punição de Deus para com os pecadores. Algumas pessoas chegaram enxergar os “tokens” como uma espécie de

sinal divino que condenava os pagãos, e assim tal marca na pele era chamada de “a marca de Deus” (Moote, A. e Moote, C., 2004, p.62, tradução nossa).<sup>2</sup>

Em essência, vemos que além de grande parte da população enxergar a doença por uma perspectiva relacionada à questão de classes sociais, o âmbito da religião também entra em jogo. A impressão que fica, é que cada um interpreta a doença da maneira que convém para próprios preconceitos

Londres possuía um sistema de contagem de mortes que era de responsabilidade das paróquias. O trabalho era iniciado por mulheres que tinham a função de analisar os corpos e reportar as causas das mortes para os integrantes das paróquias, que contabilizavam todos os dados semanalmente e enviavam para o centro de Londres. É importante lembrar que, como a peste era vista associada ao comportamento negativo dos pobres e pagãos, as pessoas não queriam o diagnóstico de morte pela peste. Por isso, famílias suplicavam por um diagnóstico diferente, inclusive oferecendo dinheiro aos responsáveis pela contagem.

#### 2.4 - O caos

Conforme o desespero crescia cada vez mais, os londrinos tiveram que enfrentar um crítico dilema: ficar e encarar a doença que estava desolando a população ou migrar para longe da cidade deixando suas casas e seus pertences para trás. No entanto, de acordo com Moote, A. e Moote, C (2004), quanto mais pobre era um cidadão, mais improvável era a fuga para uma cidade próxima. Trabalhadores comuns ganhavam valores muito abaixo daquilo que era necessário para arcar com o transporte e a hospedagem. Além disso, a probabilidade de um pobre sofrer rejeição fora da cidade era muito alta, uma vez que sua classe social poderia ser identificada pela sua vestimenta e assim ser associada à peste.

Consequentemente, não é surpresa que decidiram permanecer em Londres os artesãos, carregadores, cocheiros, empregadas domésticas, e trabalhadores sem qualificação. Na verdade, não devemos afirmar que os desfavorecidos decidiram permanecer em Londres, pois só se decide quem tem mais de uma opção. Enquanto isso, seus patrões carregando bagagens estavam se dirigindo aos portões da cidade

---

<sup>2</sup> No original: “God’s Mark.” (Moote, A. e Moote, C., 2004, p.62)



para migrar para uma cidade menos afetada pelo contágio da peste. Também houve casos de famílias que se separaram, pois um dos membros precisou ficar com objetivo de cuidar de seu comércio.

Como resultado, muitos daqueles trabalhadores que resistiram na cidade perderam o emprego, pois seus empregadores precisaram fechar suas lojas para conseguir escapar. Assim, os desempregados dependiam de ajuda das paróquias e das recompensas por pequenos serviços. Além do pavor de ser contaminado pela peste, ainda havia o medo de não conseguir garantir recursos básicos, como moradia e alimentação. E enquanto alguns estavam fazendo tudo o que podiam apenas para sobreviver, outros enchiam seus bolsos através de serviços superfaturados.

Durante o período da peste, as paróquias de Londres foram de imensa importância para a cidade. Como postulam, Moote, A. e Moote, C (2004), tais lugares acabaram responsáveis por diversos serviços como: coletar algumas taxas, enterrar os mortos, aliviar os doentes e pagar diversos servidores como os enfermeiros, vigias, entre outros. As instituições estavam sempre ativas, e quando seus próprios servidores faleciam em decorrência da peste, eram facilmente substituídos devido à alta demanda e ao grande número de cidadãos desempregados.

Ao contrário do que se esperava, a colheita realizada em 1665 resultou em abundância de ervas, frutas e legumes disponíveis para a venda. Entretanto, os fazendeiros ficaram receosos em continuar transportando seus produtos diretamente para os mercados nos subúrbios de Londres. Tal prática era bastante comum para reduzir os custos de logística, mas, por causa do medo do contágio, suas mercadorias passaram a ser deixadas um pouco antes das entradas dos subúrbios.

A desinformação se espalhava por Londres de maneira absurda. Moote, A. e Moote, C (2004) destacaram algumas técnicas “milagrosas” que se tornaram populares, como a indução da produção de suor, pois assim o corpo estaria eliminando a partícula infecciosa do sangue. Outro procedimento era a aplicação de uma cebola cortada diretamente na ferida, pois tal alimento seria responsável por drenar todo o “veneno” da peste. Infelizmente, podemos assumir que tais técnicas só traziam mais sofrimento para os enfermos.

Se aproveitando da situação, muitas pessoas passaram a alegar possuir antídotos milagrosos que curariam rapidamente quem os ingerisse. Portanto, muitos daqueles que não escaparam da cidade acabaram interessados pelos supostos medicamentos para o combate da doença. Os preços eram exorbitantes e o efeito esperado nunca era atingido. Assim, é desesperador pensar que além de ter que lidar com os sintomas da doença, muitos ainda tiveram que lidar com um prejuízo financeiro.

## 2.5 - Medidas de combate ao contágio

Como ressaltam Moote, A. e Moote, C. (2004), após perceber a real gravidade da doença que se espalhava de maneira crítica, o governo decidiu intervir convocando os profissionais mais elevados da medicina do país para definir orientações a serem seguidas de forma a combater a infecção. Toda a informação foi compilada e distribuída para a população. Comidas que deveriam ser ingeridas ou evitadas e instruções de como lidar com a febre eram algumas das questões citadas.

Devido ao contágio elevado na cidade, os vendedores ambulantes foram proibidos de circular. Seus gritos que anunciavam suas mercadorias deram espaço para o silêncio, que ficou mais presente ainda após a ordem de fechamento das escolas. Além do mais, aglomerações no geral se tornaram ilegais. De fato, podemos categorizar tais medidas como essenciais no combate de uma doença como a peste. Entretanto, de nada adianta se o governo não garantir os recursos para que os cidadãos não precisem sair de seus lares. E foi por isso que o resultado foi simplesmente um completo fracasso.

Como mais uma medida desesperada do governo, foi ordenado que fogueiras fossem acesas pelas ruas para que a fumaça extinguisse o miasma e o eflúvio que carregava a doença. Não é surpresa para ninguém que tal ação se mostrou completamente ilusória, uma vez que durou apenas 3 dias pois a chuva acabou apagando os pontos acesos. No geral, a medida era cara de se manter, inútil e uma ameaça à saúde pública. Ademais, hoje conseguimos ver claramente o perigo que tal ação representava, pois no ano seguinte, aconteceu o grande incêndio de Londres.

## 2.6 - O auge

Segundo Moote, A. e Moote, C. (2004), a situação da cidade foi ficando cada vez mais crítica e assim chegou uma das piores semanas da tragédia. Surpreendentemente, a contagem de mortos atingiu cerca de 8 mil pessoas, sendo mais de 7 mil vítimas da peste. As regiões de Stepney e St Botolph Aldgate atingiram a marca surpreendente de mais de 600 mortos na semana. Infelizmente, a visita dos recolhedores de corpos estava cada vez mais frequente, assim, aproximadamente mil corpos estavam sendo recolhidos por dia.

Para se ter ideia do tamanho da calamidade, podemos apontar o que algumas pessoas vivendo em Saint Bride presenciaram. Bastava um olhar por cima do muro dos adros da igreja para perceber pedaços de madeira e ossos espalhados pelo terreno. A explicação era simples: os coveiros cavaram por cima de sepulturas já existentes pois precisavam de covas que fossem capazes de comportar, em média, 60 corpos (ver imagem abaixo).



**Imagem 3**

Representação do adro de uma igreja. Restos mortais e pedaços de caixões estão espalhados pelo terreno enquanto covas maiores estão sendo abertas. (Imagem cedida pelo Museu de Londres)

Os pobres eram por muitas vezes enterrados aos montes e o caixão servia apenas para transportar os corpos, pois eram despejados na sepultura com apenas uma simples mortalha. Por outro lado, quando pessoas com um status social de prestígio eram sepultadas, o acesso aos caixões e aos túmulos individuais era muito mais provável de ser concedido. Nesse caso, a constatação é que a ser feita é que nem mesmo após a morte os pobres e os ricos estavam em posição de igualdade.

## 2.7 - A esperança

A epidemia teve seus piores momentos em setembro de 1665, e logo após, o caos que tinha se instalado se transformou em esperança conforme o número de óbitos diminuía semana após semana (ver tabela abaixo). Mais especificamente, as quatro semanas seguintes ao dia 7 de novembro representaram uma queda significativa no número total de enterros em Londres.

<i>Week</i>	<i>Number of Burials</i>		<i>Change from Previous Week</i>	<i>Number of Infected Parishes</i>
	<i>Plague</i>	<i>Total</i>		
October 31–November 7	1,414	1,787	+399	110
November 7–14	1,050	1,359	-428	99
November 14–21	652	905	-454	84
November 21–28	333	544	-361	60
November 28–December 5	210	428	-116	48
December 5–12	243	442	+14	57
December 12–19	281	525	+83	68

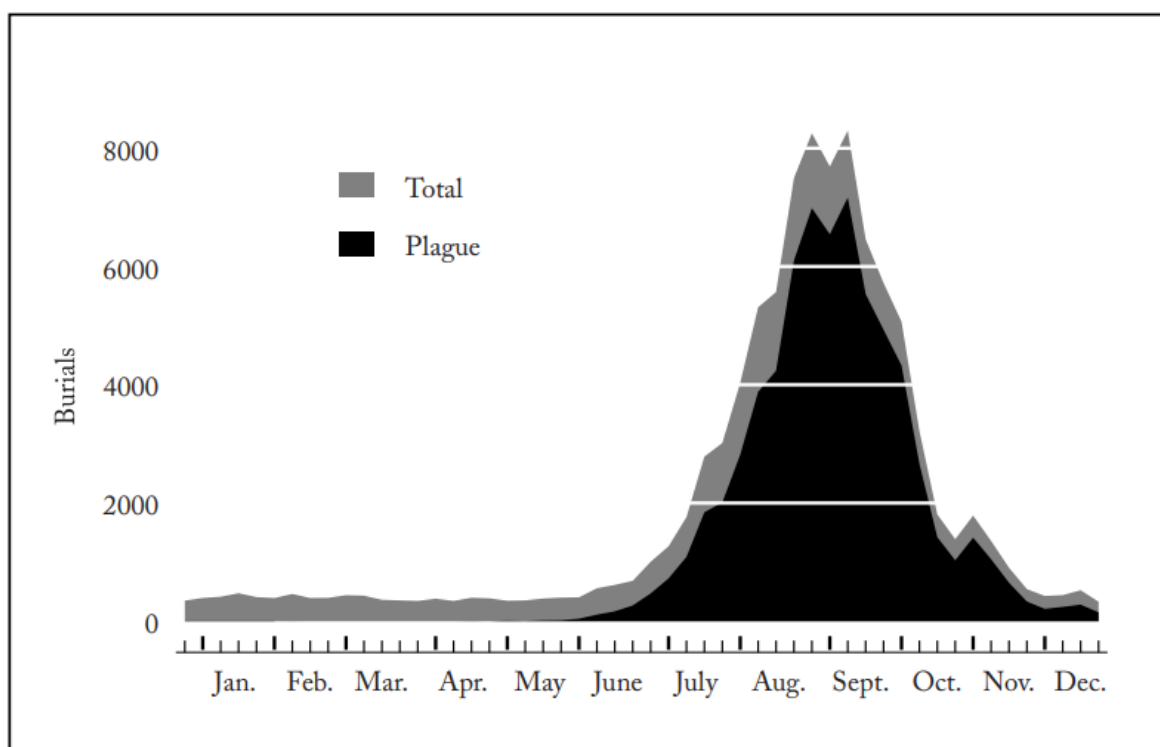
**Tabela 1**

A contagem de mortes em Londres nas semanas entre 31 de outubro até 19 de dezembro de 1665. (Moote, A. e Moote, C., 2004, p.246)

Conforme as boas notícias se espalhavam pelo país, os moradores que tinham decidido procurar abrigo em outras cidades resolveram voltar para Londres. Logo quando eram recebidos de volta, eram imediatamente instruídos a serem

extremamente cautelosos. Assim, seus primeiros passos deveriam ser fumigar suas casas e trocar toda a roupa de cama velha.

Nas semanas seguintes, o contágio e o número de mortes continuaram em queda até números surpreendentemente baixos. O período assustador que ocorreu durante o pico dos enterros já havia se encerrado (ver tabela abaixo). Para se ter uma ideia, o número de mortes pela doença tinha chegado a ser mais de 7 mil em uma semana de setembro de 1665. Em contraposição, no mês de março de 1666, apenas 107 óbitos foram causados pela peste.



**Gráfico 1**

Representação do pico de enterros em Londres durante o ano de 1665. (Moote, A. e Moote, C., 2004, p.258)

Moote, A. e Moote, C. (2004) postulam que, no geral, a epidemia foi responsável por 68.747 do total de 97.336 enterros que ocorreram no ano de 1665. Assustadoramente, em tal período, haviam morrido cerca de 20% de todas as 500.000 pessoas que estavam presentes na cidade. No entanto, nos meses seguintes a março de 1666, a população finalmente pôde perceber que o pesadelo estava chegando ao fim. Todos pediam por renovação, por um meio de esquecer e

se curar de tudo aquilo que havia acontecido na cidade. E assim, o clima de reconstrução se iniciou em Londres.

### 3 - DANIEL DEFOE E OS PRIMEIROS PASSOS DO ROMANCE

Para contextualizar o surgimento do romance na Inglaterra e o papel de Daniel Defoe, serão utilizadas diversas influências de *A Ascensão do Romance*, de Ian Watt. Na obra, o autor faz uma extensa análise dos elementos que possibilitaram o surgimento e a popularização de tal gênero literário. E conseqüentemente, atribui seus méritos diretamente a cada escritor.

#### 3.1 - Contexto social

Antes de tudo, é de excepcional relevância uma análise de alguns fatores que definiam a população no século XVII. Para começar, devemos postular que, devido à desigualdade de oportunidades escolares, muitos agricultores, e até mesmo uma quantidade considerável dos pobres que viviam nas cidades não sabiam ler e muito menos escrever.

Já quando passamos a falar exclusivamente das cidades, parece que o semianalfabetismo é mais comum que o analfabetismo completo. De acordo com Watt (2019), havia escolas espalhadas pelo país, mas no geral o ensino público era considerado irregular e esporádico. Muitas das escolas sobreviviam por doações e, quando o ensino conseguia ser consistente, o foco era a disciplina social e religiosa. Conseqüentemente, ler e escrever ficava em segundo plano.

Além do mais, os jovens mais pobres precisavam encontrar tempo para estudar em meio a uma rotina extremamente cansativa de trabalho. A desistência de estudar era comum entre crianças mais novas, que até chegavam a continuar a estudar durante os poucos meses que não havia trabalho no campo ou na fábrica.

Para os mais pobres, além de uma instrução de qualidade, faltava também a motivação para aprender a ler e a escrever. Entretanto, saber ler era uma habilidade necessária para grande parte das profissões que eram exercidas pelos cidadãos de classe média.

Além da questão do número considerável de analfabetos pelo país, o fator econômico também estava diretamente entre as razões da limitação do número de leitores. Os preços cobrados pelos livros eram completamente inacessíveis para os pobres. Para se ter uma ideia do custo do que viria a ser o romance, Watt afirma que

“o que se pagava por um romance poderia sustentar uma família por uma ou duas semanas” (WATT, 2019, p.38). E infelizmente, grande parte dos pobres mal tinha dinheiro para suprir suas necessidades básicas.

A depender das edições, dos materiais utilizados na fabricação, e até mesmo do gênero, o preço dos livros variava. A própria classe média não tinha acesso a diversas obras, que só eram encontradas nas bibliotecas dos nobres e dos comerciantes ricos. Se por um lado, as formas de literatura já estabelecidas e respeitadas eram consideradas inacessíveis para a classe média, o romance se mostrou como uma alternativa muito mais em conta.

### 3.2 - As rupturas na literatura

Anterior ao romance, as obras no geral, até mesmo as de ficção, costumavam atribuir nomes aos personagens que já estavam carregados de significados, sejam arcaicos ou literários. Entretanto, os primeiros romancistas romperam com a tradição e optaram por escolher nomes que estivessem habituados no contexto social da época.

Desse modo, as personagens do romance devem estar restritas a ações terrenas. O que não quer dizer que as obras não possam ser religiosas. Se presente, o reino dos espíritos deve ser retratado pelas experiências subjetivas das personagens. Assim, o divino não é responsável pela explicação completa das coisas, como era anteriormente.

Outra ruptura que os romances proporcionaram foi a da dimensão do tempo. As histórias que vieram antes costumavam se impor como atemporais, pois frequentemente discutiam verdades morais absolutas e imutáveis. Assim, mais do que em outros gêneros literários, o curso do tempo deveria ser imposto para que as personagens fossem situadas e devidamente desenvolvidas.

Na tragédia e na comédia, o espaço e o tempo pareciam ser tratados genericamente com proporções iguais. Por outro lado, Defoe aparenta ser um dos primeiros escritores ingleses a considerar o ambiente físico real como um dos elementos relevantes para sua narrativa.

Uma outra razão que faz o romance se diferenciar dos gêneros de ficção anterior é a questão do efeito causa e consequência. Essa ideia de uma experiência



passada influenciar diretamente no presente contrária justamente o elemento da coincidência, que era comumente presente nas narrativas mais antigas. Por esse ponto de vista, o romance pode ser visto como mais coeso.

Ian Watt afirma que o romance enxerga a realidade de maneira em que adota certos procedimentos que podem ser comparados aos de um júri de um tribunal. Assim, as expectativas deste e dos leitores de romance convergem para os seguintes aspectos:

ambos querem conhecer ‘todos os particulares’ de determinado caso — a época e o local da ocorrência —; ambos exigem informações sobre a identidade das partes envolvidas (...) e também esperam que as testemunhas contem a história ‘com suas próprias palavras’ (WATT, 2019, p.28)

Watt ainda estabelece que o júri estaria interessado na “visão circunstancial da vida”, que, de acordo com Thomas Hill Green (1911), é uma das características do gênero literário romance. Além do mais, Watt faz questão de deixar claro que tal visão circunstancial da vida é incorporada no romance por um método chamado realismo formal. O autor ainda ressalta que Defoe foi um dos primeiros autores que deram vida de maneira repentina e completa ao realismo formal, que é a expressão narrativa onde:

o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações” (WATT, 2019, p.28)

Assim, tais circunstâncias são apresentadas por meio de uma linguagem muito mais referencial do que era vista anteriormente. Watt (2019) conclui afirmando que o conjunto de todos os procedimentos citados podem ser encontrados facilmente nos romances e raramente em outras formas. Por isso, tais características devem ser consideradas como típicas do gênero.

Ian Watt afirma que “a maioria dos leitores nos últimos séculos tem encontrado no romance a forma literária que melhor satisfaz seus anseios de uma estreita correspondência entre a vida e a arte.” (WATT, 2019, p.29). Certamente, essa questão pode ser vista como um resultado direto das convenções do romance, que são famosas por exigir menos dos leitores do que a maioria das convenções dos outros gêneros.

### 3.3 - O papel de Defoe no surgimento do romance

Daniel Defoe foi, sem dúvidas, um dos autores mais importantes para o surgimento do gênero literário romance, que só ganharia esta nomenclatura no final do século XVIII. O autor foi, de acordo com Ian Watt (2019), um dos primeiros ingleses que decidiram não utilizar a mitologia, as lendas, ou outras fontes literárias do passado para criar a narrativa de suas histórias.

Watt (2019) ressalta o movimento do Renascimento, que foi responsável por criar um panorama cultural que priorizava a experiência individual como julgadora da realidade, e não mais a tradição coletiva. E foi assim que, no início do século XVIII, Defoe começou a produzir suas obras sob tais influências.

É de extrema importância destacar que quando Defoe iniciou a escrever ficção, ele não seguia a teoria crítica que era comum nesta época. Mesmo porque tais conceitos acabariam carregando elementos tradicionais para suas obras. Assim, Defoe seguia suas próprias concepções para a narrativa de seus personagens.

Durante o início do século XVIII, os diários e as narrativas de viagem eram responsáveis por uma parte considerável do conteúdo produzido e comercializado. Tais produções consistiam na apresentação dos relatos vividos por seus viajantes. Thiago Primolan (2014) faz questão de observar que, “Defoe, leitor inveterado de tudo quanto fosse material sobre viagens e aventura, utilizaria extensamente de materiais dispostos em narrativas de viajantes para escrever seus romances.” (PRIMOLAN, 2014, p.188)

Como bem observado por Primolan (2014), Arthur Secord (1924) dedica algumas sessões de sua obra chamada *Studies in the Narrative Method of Defoe* para demonstrar as influências da narrativa de viagem nas obras de Defoe. Dentre tais narrativas, *Voyages*, de William Dampier é apresentada como um dos destaques que influenciaram *Robinson Crusoe*.

Watt chega a afirmar que Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, é considerado o primeiro romance já escrito. O autor ainda postula que a obra é “a primeira narrativa de ficção na qual as atividades cotidianas de uma pessoa comum constituem o centro da atenção.” (WATT, 2019, p.70).

De fato, as personagens de Defoe se distinguem das anteriores pelo fato de que não estão em busca de glória ou honra, muito pelo contrário, são os protagonistas de suas vidas cotidianas. Para exemplificar, podemos citar Robinson Crusóé, que é, de acordo com Samuel Taylor Coleridge, “o representante universal, a pessoa que todo leitor poderia substituir a si próprio [...] nada é feito, pensado, sofrido, ou desejado de maneira em que cada um não possa se imaginar fazendo, pensando, sentindo ou desejando.”(COLERIDGE, 1884, p. 317, tradução nossa)<sup>3</sup>

Portanto, as obras de Defoe apresentam aventureiros, meretrizes, piratas, ladrões, entre outras pessoas que são resultados diretos das circunstâncias que vivem. Seus conflitos morais são facilmente semelhantes aos de outros membros presentes na sociedade da época.

Defoe possuiu experiência jornalística que certamente foi responsável pela técnica que faz suas ficções parecerem reais. O autor já foi encarregado por 9 anos da escrita de um jornal que era publicado algumas vezes por semana. Defoe escolhia escrever com clareza pois era mais fácil a compreensão de seu público-alvo. Ele sabia que poderia soar repetitivo, mas insistia nessa escrita pois era “de evidente utilidade pública”. (DEFOE, 1709, apud WATT, 2019, p.101)

Conforme o número de leitores aumentava, a figura do livreiro foi se tornando cada vez mais relevante. Eles representavam o intermédio entre os autores, impressores e o público. No século XVIII, os livreiros chegaram a ocupar posições extremamente importantes como a dos aristocratas dos e membros do parlamento. Com isso, eles passaram a controlar alguns canais de opinião, sendo capazes de fazer uma boa propaganda para as obras. O próprio Defoe fez questão de deixar claro a influência que os livreiros exerciam:

Escrever [...] tornou-se um ramo considerável do comércio inglês. Os livreiros são os patrões fabricantes ou empregadores. Os diversos escritores, autores, copiadores, subscritores e todos os outros que operam com pena e tinta são os trabalhadores empregados pelos ditos patrões fabricantes. (DEFOE, 1725, apud Watt, 2019, p.50)

Conseqüentemente, as leis do comércio passaram a ser mais relevantes para alguns autores do que a aclamação da elite literária. Tal afirmação pode ser

---

<sup>3</sup> No original “*the universal representative, the person, for whom every reader could substitute himself [...] nothing is done, thought, suffered, or desired, but what every man can imagine himself doing, thinking, feeling, or wishing for*”.(COLERIDGE, 1884, p. 317)

embasada na questão da substituição dos versos pela prosa. Um trecho de *Amélia*, de Fielding, evidencia essa questão: “Uma folha é uma folha para os livreiros, e se é em prosa ou não eles não diferenciam” (FIELDING, 1904, p.474, tradução nossa)<sup>4</sup>. A prosa de Defoe se mostra essencial para ilustrar essa questão, tanto que Watt a definia como:

Fácil, prolixa, espontânea — qualidades bem adequadas ao estilo de seus romances e à maior compensação financeira por sua labuta. Elegância verbal, estrutura complexa, execução cuidadosa — tudo isso tomava tempo e podia exigir numerosas alterações, porém Defoe parece levar a um extremo sem precedentes as implicações econômicas da situação do escritor, considerando que só se devia proceder a revisão mediante remuneração extra. (WATT, 2019, p.53)

Tal análise da escrita em prosa de Defoe é completamente capaz de ilustrar o contexto em que o autor se encontrava, no qual, um número alto de páginas e a rapidez com a qual uma obra era escrita também se tornaram fatores para se considerar economicamente. Combinados, levavam a uma maneira simples e explícita de escrever, que, sem dúvidas, era responsável por facilitar o entendimento daqueles que não eram bem instruídos na leitura.

Naquele século, o romance foi o gênero que desempenhou o papel de aumentar o público leitor de ficção. Dentre eles, podemos destacar a forte presença das mulheres. E com o objetivo de contextualizar a vida feminina para justificar tal fato, Ian Watt postula que:

As mulheres das classes alta e média podiam participar de poucas atividades masculinas, tanto de negócios como de divertimento. Era raro envolverem-se em política, negócios ou na administração de suas propriedades; tampouco tinham acesso aos principais divertimentos masculinos, como caçar ou beber. Assim, dispunham de muito tempo livre e ocupavam-no basicamente devorando livros. (WATT, 2019, p.38).

Contribuindo para tal acesso do público leitor às obras de seu interesse, na década de 1740, iniciou-se uma rápida expansão das chamadas bibliotecas circulantes. As taxas de inscrição eram pagas anualmente e o valor era considerado baixo. Surpreendentemente, as bibliotecas costumavam ter todos os tipos de literatura, sendo o romance o mais popular. Inclusive, conforme o interesse pelo

---

<sup>4</sup> No original: “A sheet is a sheet with the booksellers ; and , whether it be in prose or verse , they make no difference” (FIELDING, 1904, p.474)

gênero crescia, alguns jornais chegaram a publicar romances semanalmente, fracionando um capítulo por edição.

Justamente pela demanda de um número alto de páginas e de rapidez, Defoe costumava produzir bastante. Como resultado, muitas de suas obras apresentam certas incoerências que poderiam ser resolvidas com um pouco mais de planejamento ou mais tempo para revisar. O posicionamento do autor em relação às críticas direcionadas às suas obras pode ser percebido na citação do prefácio de *The True-born Englishman* a seguir:

Eu me arrisco a predizer que vou ser caçoado por meu estilo ruim, verso rude, e linguagem incorreta, coisas que eu poderia ter tido mais cuidado. Mas o livro está impresso; e por mais que eu veja algumas falhas, é tarde demais para consertá-las. E acredito que isso é tudo o que precisa ser dito (DEFOE, 1889, p. 182, tradução nossa)<sup>5</sup>

De acordo com a citação acima, Daniel Defoe não parecia ser um autor extremamente apegado às suas obras e muito menos sensível criticamente. Talvez, o principal motivo de tal postura seja o de que suas obras não eram feitas direcionadas a um público fortemente crítico e atento. E, por mais que a declaração acima tenha sido feita antes de seu primeiro romance, seu posicionamento parece ter continuado o mesmo.

O grande mérito de Defoe foi, sem dúvida, a maneira extremamente realista com a qual ele conseguia retratar uma situação que, inclusive, possuía muito mais fidelidade quando era comparada com a ficção anterior. A seguir, apresentaremos brevemente um conceito relevante para a análise dessas questões na obra de Defoe.

### **3.4 - O romance histórico**

Segundo Harry Shaw (1983), a ficção histórica depende diretamente das técnicas formais e das premissas culturais que fazem parte das principais características do romance. E é por causa dessa dependência que não é possível afirmar que a ficção histórica possui uma jornada significativamente isolada.

---

<sup>5</sup> No original: “*I may venture to foretell, that I shall be cavilled at about my mean style, rough verse, and incorrect language, things I indeed might have taken more care in. But the book is printed; and though I see some faults, it is too late to mend them. And this is all I think needful to say*” (DEFOE, 1889, p. 182)

De acordo com Carlos Indurain (2009), o romance histórico é um gênero literário híbrido, pois mistura invenção com a realidade. Desta forma, é requerido que o autor reconstrua um passado histórico atrelando materiais verdadeiros. Assim, a presença desta estrutura histórica mostrará o caminho da vida, dos costumes e de todas as circunstâncias necessárias para um bom entendimento do período. De modo a atingir tal objetivo, é necessário que:

O autor insira [...] segmentos textuais muito denotativos na obra ou no próprio título da obra – referências à época do acontecimento histórico tratado, dados cronológicos em que se vai desenvolver a ação, nome de personagens históricos, entre outros – com a dupla função de ajudar a caracterizar o tempo histórico e de prender a atenção do leitor. (SANTOS, 2015, p. 107)

Assim, é lógico que para que o autor obtenha êxito em representar um certo período, ele precisa de uma extensa pesquisa histórica. De acordo com Mário Maestri, o autor realiza, “consciente ou inconscientemente, o trabalho do historiador, isto é, o desvelamento essencial do passado.” (MAESTRI, 2022, p. 43)

Consequentemente, devemos nos atentar para o papel relevante que tal gênero tem para a humanidade. Sua escrita é responsável por difundir fatos históricos e mantê-los vivos através de obras que também se utilizam da ficção para despertar o interesse do público. Sendo assim, os romances históricos são considerados mais acessíveis que as obras de historiografia.

De tal maneira, é necessário lembrar que o gênero é conhecido pelo requerimento de um certo equilíbrio entre as situações que são fruto da imaginação e aquelas que são fatos históricos. É essencial destacar que os romancistas são livres para alterar algumas questões históricas com um certo limite que não as torne irreconhecíveis ou falsas.

O conceito de probabilidade é, sem dúvidas, extremamente importante para o romance histórico. Harry Shaw (1983) faz questão de sintetizar suas ideias no seguinte trecho:

Costumamos pensar a probabilidade [no romance] como a fidelidade ao mundo externo que uma obra representa. [...] Um personagem ou incidente em um romance pode ser provável de uma ou ambas as maneiras. (SHAW, 1983, p. 20, tradução nossa)<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> No original: “A character or incident in a novel can be probable in either or both of two ways. We usually think of probability as involving fidelity to the external world that a work represents”. (SHAW, 1983, p. 20)

Além do mais, o autor ainda acusa os anacronismos e erros relacionados aos fatos históricos por serem os responsáveis pelas violações de probabilidade. Com o objetivo de provar seu ponto, Shaw cita uma personagem de um romance histórico que rompe com a probabilidade, pois é “boa demais para ser verdade”. Ele ainda justifica seu ponto afirmando que “nunca conhecemos alguém como ela no mundo em que vivemos”. (SHAW, 1983, p. 20, tradução nossa)<sup>7</sup> Assim, dificilmente daríamos credibilidade à leitura.

Shaw (1983) ainda postula que esse conceito de probabilidade implica em uma maneira de definir a ficção histórica:

Podemos dizer que, enquanto na maioria dos romances a probabilidade decorre de nossas ideias gerais sobre a vida e a sociedade, nos romances históricos a principal fonte de probabilidade é especificamente relacionada à historicidade. (SHAW, 1983, p. 21, tradução nossa)<sup>8</sup>

Neste ponto aqui, é de extrema pertinência destacar que muitos tipos de romance podem incorporar noções de história, mas para o romance histórico elas atingem uma certa proeminência estrutural. Assim, este gênero literário é capaz de representar sociedades, discursos, ou eventos que de fato aconteceram, apontando para além da obra: em direção ao mundo que representa.

Podemos evidenciar duas perspectivas essenciais obras deste gênero, sendo a primeira delas uma mais individualista. Esse ponto de vista é exemplificado por uma obra que é capaz de retratar os seres humanos individualmente, em sua complexidade mental e profundidade espiritual.

Por outro lado, há a ideia de que existem romances históricos que conseguem representar todo o espectro da existência humana. Essa perspectiva se apoia na interessante ideia de que existe uma conexão intrínseca entre todos os seres humanos. Tal forma de pensar parece estar de acordo com as opiniões de György Lukács (2015), que afirma que a literatura de qualidade possui personagens que representam todos os níveis da existência dos seres humanos.

---

<sup>7</sup> No original: “*we have never met anyone like her in the world in which we live.*” (SHAW, 1983, p. 20)

<sup>8</sup> No original: “*We can say that while in most novels probability stems from our general ideas about life and society, in historical novels the major source of probability is specifically historical.*” (SHAW, 1983, p. 21)

Infelizmente, o conceito de romance histórico só se desenvolveu muito após as publicações de Defoe. De acordo com Lukács (2015), Walter Scott é um dos mais importantes escritores para o romance histórico. Além de ser pioneiro em vários quesitos, ele foi capaz de influenciar a obra de vários romancistas posteriores uma vez que seus livros foram difundidos por boa parte do mundo.

Para concluir, podemos citar novamente Indurain (2009) quando diz que o presente e o passado estão diretamente relacionados no romance histórico. A visão do passado é iluminada pelo conhecimento do presente, e por outro lado, o entendimento do passado enriquece o mundo atual, nos fazendo olhar para o futuro com novos olhos.



## **4 – DIÁRIO DO ANO DA PESTE**

Escrito por Daniel Defoe, O *Diário do Ano da Peste* foi publicado originalmente no ano de 1722. O livro é conhecido por retratar o trágico período londrino de 1665, em que a peste bubônica foi responsável por vitimar uma parcela considerável da população de Londres.

A obra acompanha a jornada de sobrevivência de H. F., um comerciante que testemunha acontecimentos inacreditáveis pois decide permanecer na cidade ao invés de fugir para o interior. O livro é composto por seus relatos, que juntamente com dados produzidos na real epidemia, ajudam a contar um pouco sobre como o comportamento da sociedade londrina foi profundamente afetado pela visita da peste.

O narrador ainda conta algumas histórias, como a de pais que perderam seus filhos, pessoas produzindo blasfêmias contra Deus, pobres tentando escapar da cidade e familiares desistindo de viver em decorrência de perdas. A obra é repleta de subtramas como essa, e o protagonista admite que algumas delas ele presenciou e outras ele apenas ouviu falar.

A história é contada de forma cronológica e sem a divisão de capítulos. Assim, os relatos do protagonista seguem apresentando tabelas oficiais de mortalidade dos períodos enquanto avança na narrativa. Além disso, também é evidenciada a maneira com que as autoridades da cidade lidam com a doença por meio de ordens e decretos que apresentavam punições para quem não os respeitasse.

Ao decorrer da narrativa, enquanto anda pela cidade de Londres, o protagonista se depara com situações que servem para que o autor trabalhe diversas temáticas pertinentes para quem vier a ler sua obra. A disseminação de notícias falsas, o preconceito de classe e a perspectiva religiosa são apenas algumas delas.

### **4.1 - Recepção da obra**

Curiosamente, O *Diário do Ano da Peste*, de Daniel Defoe, foi uma obra responsável por confundir seus leitores quanto à sua classificação. Desde a sua primeira publicação em 1722, o livro foi identificado de três maneiras diferentes:

como história, depois como ficção e posteriormente como uma interessante forma híbrida que seria a fusão das duas.

Primeiramente, devemos evidenciar o fato de que a obra foi originalmente concebida afirmando ser um material histórico. E como prova, Defoe, que já tinha publicado *Robinson Crusóe* e *Moll Flanders*, não teve seu nome creditado inicialmente como autor. Ao invés disso, o livro era assinado por H. F., um cidadão que tinha vivido todos os horrores resultados da peste.

A obra manteve seu status verídico por boa parte do século XVIII, tanto que, chegou a ser utilizada como fonte em trabalhos históricos. Um exemplo disso é sua referência em *A Discourse of the Plague*, de Richard Mead, na qual é empregada com o objetivo de esclarecer questões quanto ao isolamento das casas durante o caos que se instalava na cidade. Além do mais, algumas décadas após a publicação do livro de Daniel Defoe, surgiu uma versão com o título alterado para *A História da Grande Peste*.

Algum tempo depois, a autoria de Defoe se tornou pública, o que por si só gerou questionamentos aos leitores. Augustine Birrell, um escritor inglês, fez questão de intitular Defoe de mentiroso em um artigo escrito para o *The Nation and the Athenaeum*. Como se não bastasse, ele ainda afirmou que Defoe utilizou “todos os artifícios conhecidos dos mentirosos” (BIRRELL, 1927, p. 147-148 apud MAYER, 1990, p. 539, tradução nossa)<sup>9</sup>

No período, o autor já era referenciado como um romancista, e como consequência, *O Diário do Ano da Peste* passou a ser visto por muitos como um romance. Everett Zimmerman (1972), um acadêmico estudioso da literatura inglesa, afirma que Defoe usou o contexto para dar complexidade psicológica para seu protagonista. Logo completa que “esse foco no narrador faz O Diário da Peste algo mais como um romance ao invés de história”. (ZIMMERMAN, 1972, P.417, tradução nossa)<sup>10</sup>

A seguir, podemos destacar Edward Wedlake Brayley como um dos primeiros críticos a analisar o livro de Defoe considerando os aspectos e elementos

---

<sup>9</sup> No original: “all the now well-known artifices of fakers” (BIRRELL, 1927, p. 147-148 apud MAYER, 1990, p. 539)

<sup>10</sup> No original: “This focus on the narrator makes *A Journal of the Plague Year* something more like a novel than like either history” (ZIMMERMAN, 1972, P.417)

históricos e fictícios. Ademais, Brayley (1835) afirma que a obra é um texto de ficção altamente efetivo, e ao mesmo tempo, possui informações que são literalmente verdade.

Inclusive, um texto de Brayley está presente em uma das edições da obra de Defoe. Nesse pequeno trecho, que foi publicado anteriormente no *The Gentleman's Magazine* em 1835, Brayley (1835) afirma que Defoe muito provavelmente fez uso de diários e manuscritos como fonte para muitos elementos da obra que não conseguimos verificar a autenticidade.

Nesse sentido binário, no qual a história é fundida na ficção, podemos citar dois comentários que ilustram muito bem a questão. De acordo com o *The Guardian*, foi publicada uma crítica anônima no *Quarterly Theological Review* em 1830 que dizia que “o *Diário do Ano da Peste* de Defoe é o mais vivo retrato da verdade que procedeu da imaginação” (autoria desconhecida, 1830, apud *The Guardian*, 2020).<sup>11</sup>

Outro comentário pertinente é o de Walter Wilson, um escritor responsável por biografias sobre a vida de Defoe. Em *Memoirs of the Life and Times of Daniel De Foe*, Wilson afirma que, em sua obra sobre a epidemia, Defoe “conseguiu misturar muito daquilo que é autêntico com as invenções de seu próprio cérebro”(WILSON, 1830, p. 511, tradução nossa)<sup>12</sup>

Diante de todas essas questões, Robert Mayer fez um interessante questionamento quanto a como ler o livro de Defoe: “como este texto pode ser lido como um romance quando é tão comprovadamente historiográfico, e como, dados seus elementos inegavelmente fictícios, pode ser lido como algo além de ficção?” (MAYER, 1990, P. 546, tradução nossa)<sup>13</sup>

De modo a responder tal pergunta, podemos afirmar que atualmente a obra deve ser interpretada como um romance histórico, uma vez que o gênero é conhecido por estabelecer uma ponte entre os fatos que realmente aconteceram e a ficção. Inclusive, de modo a ilustrar tal afirmação, devemos pontuar um comentário

---

<sup>11</sup> No original: “*Defoe's journal is the most lively Picture of Truth which ever proceeded from imagination.*” (autoria desconhecida, 1830, apud *The Guardian*, 2020).

<sup>12</sup> No original: “*he has contrived to mix up so much that is authentic with the fabrications of his own brain.*” (WILSON, 1830, p. 511)

<sup>13</sup> No original: “*how can this text be read as a novel when it is so demonstrably historiographical, and how, given its undeniably fictive elements, can it be read as anything but fiction?*” (MAYER, 1990, P. 546)

de Walter Scott, um dos mestres do romance histórico. Scott postulou que a obra de Defoe “é uma daquela classe particular de composições que paira entre o romance e a história.” (SCOTT, 1840, p.128, tradução nossa)<sup>14</sup>

É importante não negarmos essa dualidade que define a obra como um romance histórico. Mas ao mesmo tempo, é necessário evidenciar que, de acordo com Mayer (1840), o livro foi publicado por Defoe e lido por seus contemporâneos como uma obra que relatava acontecimentos verdadeiros.

#### **4.2 - Historicidade contida na obra**

Não há dúvidas que a obra é reconhecida amplamente por seu extraordinário rigor descritivo, em que o autor é capaz de dar vida à tragédia de maneira extremamente realista. Assim, muitas pessoas presumem que Defoe esteve presente durante a peste de maneira consciente. Entretanto, por mais que o autor morasse em uma das regiões mais afetadas pela peste, ele ainda era uma pequena criança.

Logo, vemos que a sua própria vivência não foi o suficiente para a concretização da magnitude histórica da obra. Devemos lembrar que Defoe era jornalista, então seu principal trabalho era coletar histórias. Desse modo, é fácil visualizar que o autor fez uso de relatos de seus familiares e de muitos outros sobreviventes da calamidade.

Um fato curioso é que, alguns anos antes de Defoe escrever o livro, os jornais de Londres estavam repletos de informações a respeito dos surtos de doenças que assolavam o continente europeu. Cabe evidenciar aqui, o destaque que as manchetes davam para Marselha, uma cidade na França em que o contágio da peste levou a óbito dezenas de milhares de pessoas.

Diante de tal contexto desesperador, Defoe certamente escreveu *O Diário do Ano da Peste* com um de seus objetivos sendo alertar os cidadãos de Londres sobre seus comportamentos caso viessem a enfrentar uma tragédia similar. No trecho seguinte da obra, o autor esclarece seus objetivos com a escrita logo após a tomada de uma importante decisão:

---

<sup>14</sup> No original: "is one of that particular class of compositions which hovers between romance and history." (SCOTT, 1840, p.128)

Sei que isso pode ter algum interesse aos que vierem depois de mim, caso enfrentem a mesma angústia [...] Portanto, desejo que este relato sirva mais como um norte a ser seguido do que como um relato do que eu fiz. Talvez conhecer o meu destino tenha valor para eles. (DEFOE, 2021, p.25)

A leitura do fragmento acima é capaz de comprovar a utilidade que Defoe gostaria que seu texto tivesse para seus leitores. Mas será que a escrita do autor foi capaz de representar o surto da doença de maneira fiel aos principais acontecimentos da epidemia? E melhor: será que tal representação escrita está concretizada a ponto de criar um panorama do que deve e não deve ser repetido pelos leitores? É o que vamos analisar nos próximos parágrafos.

É importante deixar claro que não há como saber ao certo sobre a veracidade de diversas subtramas que envolvem o enredo da obra. Após contar uma surpreendente história de uma família que fugiu e abandonou sua criada, o próprio protagonista faz a seguinte observação:

Eu poderia contar muitas histórias como essas, curiosas o bastante, sobre as quais tomei conhecimento ao longo daquele ano sombrio (ou seja, histórias de que ouvi falar) e que com certeza são verdadeiras, ou muito próximas da verdade. (DEFOE, 2021, p.83)

Uma vez que o próprio narrador coloca em questionamento a verdade contida nas subtramas, se faz de maior utilidade para este trabalho analisar as principais conjunturas presentes na obra. De tal modo, daremos prioridade para apresentar as circunstâncias das histórias, e não as jornadas individuais contidas no livro.

Para começar, podemos relembrar um fato crítico que influenciava diretamente a coleta de dados relacionados ao número de mortes. O que acontecia era que as pessoas, por diversos motivos, evitavam o diagnóstico de infecção e morte pela doença. Defoe explorou muito bem a realidade em sua obra quando postulou que “todo mundo que podia esconder a peste escondia. Para evitar que os vizinhos se afastassem e parassem de conversar com eles; para evitar que as autoridades interditassem suas casas.” (DEFOE, 2021, p.22)

Além de trazer todos esses motivos reais que culminaram na vontade da população em esconder a doença, Defoe segue adiante e ainda apresenta uma situação que ilustra muito bem as consequências de tais atos:

Sob um exame mais rigoroso feito [...] a pedido do prefeito, verificou-se que na verdade mais de vinte tinham morrido da peste naquela paróquia, mas a causa da morte fora registrada como febre maculosa, ou outras enfermidades, além de outras omissões. (DEFOE, 2021, p.22)

Tal situação acaba servindo como uma espécie de atestado para questionamentos que o narrador faz questão de levantar durante a obra. Sabemos que Defoe resolveu utilizar dados da contagem de mortos oficiais da época para passar mais credibilidade para o leitor, criando um aspecto mais realista para seu texto. Mas isso não o impede de contestar tais informações.

O protagonista faz a introdução dos números dos óbitos infantis oficiais da época, mas logo observa: “Embora eu nem de longe imagine que elas mostrem os números reais” (DEFOE, 2021, p.178). E sem perder tempo, a narrativa faz questão de destacar incongruências nos dados reais das paróquias. Com isso, podemos ver que, além de Defoe ser consciente das inconsistências dos dados oficiais, ele ainda os explorava com o objetivo de trazer ainda mais credibilidade para sua escrita.

Evidentemente, devemos destacar o que afirmou Nicholas Seager (2008): “Defoe, em suma, compartilhava as preocupações de Locke de que os sinais numéricos e verbais não davam conhecimento das coisas como elas realmente eram, e só a experiência produziria tal feito.” (SEAGER, 2008, p. 640, tradução nossa)<sup>15</sup>. E de fato, o autor parece muitas vezes comparar a realidade com os dados numéricos para sustentá-los ou invalidá-los.

Uma das decisões mais notáveis tomadas por Defoe para a escrita de sua obra foi a escolha por reproduzir diretamente os decretos que foram publicados na cidade. Sem dúvidas, a impressão que permanece para os leitores é que as ordens são direcionadas estritamente para eles mesmos, o que ajuda na construção de uma ameaça real, causando um senso maior de desespero e urgência. Podemos destacar o seguinte trecho:

Todas as casas contaminadas devem ser marcadas com uma cruz vermelha de 30 cm de altura, no meio da porta, onde possa ser claramente avistada, [...] Para cada casa infectada serão nomeados dois vigias, um diurno, outro noturno; esses vigias devem ter o cuidado especial para que nenhuma pessoa entre ou saia dessas casas infectadas que estiverem sob sua responsabilidade, (DEFOE, 2021, p.66-71)

---

<sup>15</sup> No original: “Defoe, in short, shared Locke's concerns that numerical and verbal signs do not give knowledge of things as they are, and that only experience does.” (SEAGER, 2008, p. 640)

Além das questões citadas anteriormente, tal trecho consegue ilustrar com fidelidade o cenário histórico da cidade de Londres durante a epidemia, como vimos na Imagem 2, que está presente na segunda parte desta monografia. Inclusive, podemos evidenciar outros decretos a fim de demonstrarmos a historicidade presente na obra de Defoe:

A limpeza das ruas. Primeiro, é necessário e fica, portanto, determinado que cada morador providencie a limpeza da rua diariamente defronte à sua porta, e que mantenha essa área varrida a semana toda. [...] Estão terminantemente proibidos todos os jogos, peças teatrais, [...] ou outros espetáculos que promovam aglomerações públicas, e os transgressores serão punidos severamente. (DEFOE, 2021, p.73-74)

Certamente, é necessário pontuarmos as duas medidas como relevantes para o combate do contágio. Ambas foram fundamentais na época, e Defoe dá a elas os seus devidos valores em seu livro. Sem dúvidas, ao decidir incluir tais questões de higiene e contágio, o autor evidencia ainda mais seu trabalho como utilidade pública.

Uma grande questão a se pensar é que, não importa o quão grave é uma tragédia, alguns indivíduos sempre tentarão explorá-la para que ganhem algo com o sofrimento alheio. Nesse ponto, o enredo de Defoe foi de perspicaz ao se atentar para a maneira com a qual o desespero geral foi aproveitado por pessoas extremamente desonestas:

Eles acorriam a feiticeiros e bruxas e a todo tipo de enganadores, para saber o que seria deles, e esses charlatões alimentavam seus medos e os mantinham sempre alarmados e despertos, propositalmente para iludi-los e esvaziar seus bolsos. (DEFOE, 2021, p.52)

Toda essa alienação utilizava o medo como ferramenta e tinha como um dos principais resultados a piora da situação econômica dos pobres. Além do mais, Defoe continuou a explorar a questão mais profundamente quando se referiu ao uso de medicamentos:

O povo andava como louco atrás de vigaristas e trapaceiros, e de cada anciã curandeira, em busca de remédios e medicamentos, estocando mil e uma pílulas, poções e preservadores, como eram chamadas essas substâncias, e assim não só gastavam seu dinheiro, mas se envenenavam de antemão. (DEFOE, 2021, p.52)

É de consenso geral que, naquele período, a doença não possuía cura. Entretanto, assim como o autor deixou bem explícito em sua obra, charlatões prometiam milagres através de substâncias questionáveis. Tal alerta se mostra

extremamente relevante uma vez que a ingestão das substâncias poderia vir com uma grave consequência: o enfraquecimento do corpo, que tornava ainda mais grave a infecção pela peste.

Sabemos que muitos dos cidadãos de Londres tiveram que se deparar com o dilema de permanecer ou fugir da cidade, e com o protagonista da narrativa não foi diferente. Logo após ponderar as dificuldades e consequências de cada uma das ações, o personagem decide o que fazer de uma maneira impressionante.

Inclinado a permanecer na cidade, mas sem a certeza se era o que realmente queria, H. F. suplica a Deus por um sinal, ao mesmo tempo que folheia a Bíblia:

– Não sei o que fazer, meu Deus! Que direção eu devo seguir?  
E naquele átimo parei de folhear o livro sagrado no Salmo 91, e o meu olhar bateu no versículo 2, fui lendo até o 6 e continuei até o 10:

“Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei.

Porque ele te livrará da armadilha do caçador de passarinhos, e da **peste perniciosa**.

Ele te cobrirá com as suas plumas, e debaixo das suas asas te confiarás; a sua verdade será o teu escudo e broquel.

Não terás medo do terror noturno nem da seta diurna. Nem da **peste** que anda no breu, nem da **mortandade** que assola ao meio-dia.

Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido.

Somente com os teus olhos contemplarás, e verás a recompensa dos ímpios.

Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio. No Altíssimo fizeste a tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem **peste** alguma chegará à tua tenda.”

Desnecessário dizer que a partir desse instante eu tomei a resolução de ficar na cidade. Depositei o meu destino inteiramente na bondade e na proteção do Todo-Poderoso. (DEFOE, 2021, p.30-31, grifo nosso)

Curiosamente, a Bíblia Sagrada possui diversas referências à pestes, como foi destacado. E sabendo disso, o autor decidiu fazê-la de instrumento para criar um vínculo com seus leitores cristãos. Defoe trouxe as realidades deles para a sua obra, aumentando ainda mais o senso de identificação entre os leitores e os personagens.

Há um entendimento comum entre os que estudam o livro que o protagonista da narrativa de Defoe não existiu. Entretanto, o autor utilizou o dilema do personagem para trazer uma perspectiva religiosa fundamental: a maneira em que grande parte das pessoas utiliza de sua fé para enfrentar as tragédias que assolam suas vidas.



Assim, o autor demonstrava consciência das perspectivas que a fé traria em tais situações. Ademais, Defoe ainda foi capaz de explorar o tema mais afundo com o seguinte trecho do livro:

Com base em suas professadas ideias de predestinação, de que o destino de cada homem é predeterminado e previamente decretado de modo inalterável, eles frequentavam sem preocupação lugares infectados e conversavam com pessoas infectadas. (DEFOE, 2021, p.29)

Com isso, o autor é capaz de mostrar perfeitamente que as crenças também possuem a capacidade de cegar as pessoas, fazendo com que tomem decisões precipitadas. Consequentemente, elas colocam em risco a si próprias e seus próximos. E ainda na questão da religiosidade, o protagonista compartilha um pensamento interessante de se analisar:

Era razoável acreditar que Deus não acharia adequado mostrar misericórdia e poupar inimigos tão declarados, que Lhe insultavam o nome, desafiavam a Sua vingança e zombavam de Sua adoração e de Seus adoradores naquele momento. Por misericórdia, tinham sido poupados noutras ocasiões. Agora, porém, vivíamos [...] dias de ira divina, e estas palavras vieram ao meu pensamento, Jeremias, capítulo 5, versículo 9, em que o Senhor indaga:  
“Porventura eu não deveria castigá-los por essas atitudes? E não deveria me vingar de uma nação que se comporta assim?” (DEFOE, 2021, p.108)

O personagem aponta as ações dos hereges como responsáveis pelo surgimento da doença que, segundo ele, foi uma resposta direta da ira de Deus. Ao decorrer da História humana, tais justificativas eram muito comuns para tragédias que assolaram a humanidade, e a peste não foi exceção. Em essência, o livro apresenta muitos questionamentos religiosos que foram importantes no período de publicação e ainda serão por muitos períodos históricos a seguir.

Indubitavelmente, podemos afirmar que o livro de Defoe foi capaz de sintetizar pontos extremamente relevantes da epidemia de 1665. Através de sua escrita extremamente sensível, o autor fez uso da história e da ficção para representar todo o sofrimento da época.

É preciso destacar que, devido a falta de informação científica da época, talvez a obra não sirva como um manual explícito do que deveria ou não ser feito durante os seguintes surtos de doenças que atingiram a cidade. Entretanto, o

trabalho de Defoe certamente possui historicidade o suficiente para fazer seus leitores refletirem sobre seus comportamentos destrutivos.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, Defoe deve ser incluído no pequeno grupo daqueles que foram considerados os primeiros romancistas. Eles foram responsáveis por diversas rupturas nas normas literárias da época. Como resultado de seus trabalhos, as dimensões do tempo e do espaço passaram a possuir uma relevância maior em relação a obras do passado. Além do mais, devemos destacar os efeitos de causa e consequência, que trouxeram uma perspectiva essencial para o romance.

O poder da escrita de Defoe representou um marco na literatura, uma vez que o autor foi um dos primeiros a dar vida ao realismo formal em suas obras. Assim, o escritor representava um relato autêntico da experiência humana, apresentando detalhes das individualidades dos personagens, assim como de suas épocas e lugares.

Indiscutivelmente, *O Diário do Ano da Peste* é responsável por ilustrar com eficiência grande parte da epidemia que assolou a população de Londres. O livro é responsável por apresentar uma relação intrínseca entre fatos históricos e a imaginação do autor. Apesar da dificuldade que havia em classificar a obra no passado, a maioria dos críticos literários atuais a definem como um romance histórico.

Entretanto, nos anos de sua publicação, o livro era visto de uma perspectiva historiográfica. Logo, é transparente a constatação de que, através de sua narrativa, Defoe explorou temas que foram certamente relevantes para o período representado. De tal maneira, a obra apresenta de forma realista pautas que envolvem questões relacionadas ao governo, religião, saúde, e ao comportamento coletivo durante a epidemia da peste.

Após a análise realizada neste trabalho, não restaram dúvidas de que a criação de Defoe dispõe de utilidade para aqueles que vierem a enfrentar um contexto similar relacionado ao surto de uma doença, atingindo assim o principal objetivo do autor.

## Referências:

A Journal of the Plague Year may be fictional, but it's not untrue. **The Guardian**, Londres. 12 maio 2020. Daniel Defoe. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/booksblog/2020/may/12/a-journal-of-the-plague-year-fictional-not-untrue-daniel-defoe>. Acesso em: 13 jan. 2023.

BRAYLEY, Edward. A Journal of the Plague Year. **The Gentleman's Magazine**, London, V. 158. 1835. p. 510 - 511

COLERIDGE, Samuel Taylor. **The Complete Works of Samuel Taylor Coleridge: Notes and lectures upon Shakespeare and some of the old poets and dramatists**. New York, Harper & Brothers, 1884.

DEFOE, Daniel. **Diário do ano da peste**. 1ª ed. Barueri, Novo Século, 2021.

DEFOE, Daniel. **The earlier life and the chief earlier works of Daniel Defoe**. London, G. Routledge, 1889.

FIELDING, Henry. **The Works of Henry Fielding**. London, JD Morris, 1902.

GREEN, Thomas Hill. **An estimate of the value and influence of works of fiction in modern times**. Ann Arbor, G. Wahr, 1911.

INDURAIN, Carlos. Brief Definition and Characterization of a Historical Novel. In **Culturahistorica**. Pamplona, Universidade de Navarra. 2009

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.

MAESTRI, Mário. História e Romance Histórico: fronteiras. **Revista Novos Rumos**, [S. l.], Marília, n. 36, p. 42, 2022.

MAYER, Robert. The Reception of A Journal of the Plague Year and the Nexus of Fiction and History in the Novel. In **ELH**, v. 57, n. 3, p. 529-555, 1990.

MEAD, Richard. **A Discourse of the Plague**. 9ª ed. Londres, Strand and New-Bond-Street, 2010.

MOOTE, A. Lloyd; MOOTE, Dorothy C. **The great plague: the story of London's most deadly year**. Baltimore, JHU Press, 2004.

PRIMOLAN, Thiago Panini. Os primeiros leitores dos romances de Daniel Defoe. In: **Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 6, n. 1, p. 179-196, 2014. ISSN 2176-6800

SANTOS, Paulo Jorge Lopes dos. **O romance histórico**. Orientadora: Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz. 2015 154f. Tese (Mestrado em Estudos Linguísticos e

Culturais) Centro de Artes e Humanidades. Funchal, Universidade da Madeira, 2015. DOI: <http://hdl.handle.net/10400.13/1160>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SCOTT, Walter. **The Complete Works of Sir Walter Scott**, Volume 8. Philadelphia, Carey & Hart, 1840.

SEAGER, Nicholas. Lies, Damned Lies, and Statistics: Epistemology and Fiction in Defoe's "A Journal of the Plague Year". In **Modern Language Review**, v. 103, n. 3, p. 639-653, 2008.

SECORD, A. **Studies in the narrative method of Defoe**. The University of Illinois, 1924.

SHAW, Harry. "An Approach to the Historical Novel." In **The Forms of Historical Fiction: Sir Walter Scott and His Successors**. New York: Cornell University Press, 1983. p. 19–50.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WILSON, Walter. **Memoirs of the Life and Times of Daniel De Foe**: Containing a Review of His Writings, and His Opinions Upon a Variety of Important Matters, Civil and Ecclesiastical. London, Hurst, Chance and CO. 1830.

ZIMMERMAN, Everett. H.F.'s Meditations: A Journal of the Plague Year. In **Front Matter**. *PMLA*, v. 87, n. 3, p. 371–559, 1972.